

Este jornal — aceitando toda colaboração de acadêmicos de direito, sem distinção qualquer, uma vez vasada em linguagem comedida — não se responsabiliza, todavia, pelos conceitos emitidos sob assinatura, nem os espõsa com publicá-los. Dos artigos possuirá a redação o original devidamente autenticado.

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO, DR. ERNESTO SOUSA CAMPOS, VISITOU A FACULDADE DE DIREITO DE SANTA CATARINA

Dia 27 de março, às 18 horas, visitou a nossa Faculdade dr. Ernesto Sousa Campos, Ministro da Educação.

S. Excia. veio acompanhado do dr. Udo Deeke, Interventor Federal, e foi recebido no Salão de Honra pelo Diretor do Estabelecimento, pela Congregação, e grande número de alunos.

Saudando o ilustre visitante, falou o Diretor da Casa, Desembargador Urbano Müller Salles.

Repondo, o sr. Ministro, em brilhante improviso declarou que sempre sentia prazer em entrar em Casas de Ensino, porque nelas se forma a geração do futuro.

"Santa Catarina é uma Jóia — afirmou S. Excia. — e por toda a parte onde andei vi serviços verdadeiramente modelares".

"Tudo que é feito em Santa Catarina — terminou o ilustre Titular — parece que o é de acôrdo com estes dois espíritos, pai e filho, Vidal Ramos e Neréu Ramos, os quais, segundo me parece, mais fizeram pela educação nesta região do Brasil".

Foi o seguinte o discurso de saudação do Diretor da Faculdade, Desembargador Urbano Müller Salles:

"Snr. Ministro,

A Faculdade de Direito de Santa Catarina sente-se imensamente honrada com a visita de V. Excia.

Aqui estão reunidos professores e alunos da Faculdade, para prestar a V. Excia., as homenagens de que é merecedor.

Fundada em 1932, por iniciativa do insigne catarinense José Boiteux, este instituto, expressão de intelectualidade de Santa Catarina, Estado que tanto se eleva pelo grau de cultura que lhe imprimem seus governantes, vem, na modéstia da sua apresentação, preenchendo a sua alta finalidade — dar à Pátria propugnadores da Ciência do Direito — Ciência por excelência, antiga e sempre nova, baseada em princípios imutáveis, mas transformável com os destinos da humanidade. Quem defende o direito, defende a justiça, e honra a humanidade e a Pátria. Seria bastante para justificar a existência de mais esta Faculdade de Direito, lembrar a frase de Montalembert — "As sociedades não se salvam senão pela nobre supertição do Direito". É o que sentimos, Snr. Ministro, nesta casa, cultivando a "nobre ciência do direito e a sublime religião da justiça", amparados sempre pelo poder público, todos no desejo de transmitir à mocidade de hoje os ensinamentos salutares que lhe hão de nortear, benfazejamente, amanhã.

"Na época de transformações e lutas, que vem o mundo atravessando, o ensino do Direito e a universalização dos seus princípios, mais que uma necessidade social, é meio de assentar-se a nossa sociedade sobre bases rigorosamente democráticas". É preciso, para manter a celsitude do império da

lei, bater-nos pela causa do ensino superior do Direito, em moldes rigorosos, para guiar o espírito inexperiente e ansioso da mocidade, na conquista de novos, justos, alevantados e humanos objetivos.

Nós, da Congregação, esperamos que V. Excia., alto espírito de Mestre, ao transportor os umbrais desta Casa, veja aqui, antes de tudo, o desejo que a todos anima de servir o Brasil, na formação intelectual e moral dos homens, que terão, no futuro, de colaborar nos seus altruísticos destinos. Saúdo a V. Excia., em nome da Faculdade de Direito de Santa Catarina.

O NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA



O general Eurico Gaspar Dutra quando de sua visita a esta capital

A "Folha Acadêmica" em seu primeiro número de 1946, homenageia à figura do General Eurico Gaspar Dutra, eleito a 2 de dezem-

INTERVENTOR FEDERAL EM SANTA CATARINA DR. UDO DEEKE



Por ato do sr. Presidente da República, foi designado para Interventor Federal em Santa Catarina o dr. Udo Deeke.

A "Folha Acadêmica" sauda o ilustre governante, de cuja capacidade administrativa, honestidade e eficiência, muito espera Santa Catarina.

bro, pelo povo brasileiro, para reger os seus destinos.

A Nova Constituição Brasileira

Acadêmico Otávio da Costa Pereira

O Brasil está para viver uma nova fase de sua vida. Está sendo elaborada a nova Carta Constitucional, a lei que, na opinião de Les-trade, fixa as relações recíprocas entre governantes e governados.

No Palácio Tiradentes comunga a elite cultural da Terra do Cruzeiro. Políticos, sociólogos, economistas, jurisperitos, enfim, as vozes mais autorizadas da Pátria, os representantes do povo brasileiro, ali se acham para levantar a Lei que regerá os destinos do Brasil.

Têm os nossos constituintes um fardo dos mais espinhosos a carregar. Impõe infinita responsabilidade.

O mundo sai dum cáis para mergulhar noutra. A guerra, com sua ação nefasta, ceifou milhões de seres humanos, inutilizou outro tanto, física ou moralmente e, como lembrança macabra, semeou a fome. A miséria impera no mundo. Ela, no seu desfilar tétrico, traz no bojo horrendo as maiores desgraças. E a humanidade vive horas amargas e cruéis. Muita dor nos corações. As massas, ante a fome que se alastra, assustadoramente, vivem inquietas, descontentes, procurando algo onde apoiar-se.

Não vemos um continente em paz. A luta pela vida, que teve início no Velho Continente, generalizou-se. As nações lutam a fim de dar solução às greves contínuas. O estômago do operário pede, imperativamente mais pão, porque já sofreu muito durante um lustro, quando o sobressalto e a incerteza do futuro eram o pão nosso de cada dia.

As nações lutam a fim de amenizar o roário de males que a guerra nos legou. Aparece a inflação, causadora de tantas lutas fratricidas e estéreis, essa inflação que acende cóleras e tóida a inteligência até dos mais fortes, essa inflação que dificulta sobremodo a reconstrução econômica social de que os Estados necessitam tão iminentemente.

Não há de vacilar na seriedade da situação política, social e econômica do mundo. Os dias que atravessamos são decisivos para o destino da humanidade.

E, é neste meio ambiente, nesta atmosfera pesada, nesta hora onde tudo se alicerça em areias movediças, que o Brasil procura elaborar uma outra Carta Constitucional.

O momento atual não é propício para elaborar-se uma constituição duradoura, uma constituição amparada, não no idealismo utópico, mas no orgânico, nesse idealismo "que só se forma de realidade, que só se apoia na experiência, que só se orienta pela observação do povo e do meio", uma constituição, enfim, que alicerce devidamente nossa vida econômica, social e política, uma constituição que rescenda à liberdade, uma constituição que cimente devidamente nossa prosperidade.

Contudo, necessitamos de uma constituição assim. E, si o momento atual nos é adverso, favorece-nos, porém, a cultura sólida de nossos constituintes e a mútua compreensão de nossas necessidades que tem propiciado um confortador entendimento entre os partidos que desfraldam a bandeira da democracia.

Mergulhando os olhos no passado podemos ver que não acertamos o passo.

A respeito diz o eminente Oliveira Viana: "Há cem anos vivemos a procurar a causa dos nossos males políticos e dos nossos fracassos constitucionais — e até hoje estamos estonteados sem saber onde encontrá-la".

A Constituição de 824, que de passagem digamos, para ela apareceram vários projetos de reforma, inspirou-se na Carta Francesa de 789. Formava um belo conjunto, contudo, organização aprioristicamente, metafisicamente, e que se não ajustou às nossas múltiplas necessidades. A existência do poder moderador que cerceava o trabalho dos gabinetes, cujos chefes, como bem se expressou Joaquim Na-

Conto de Trancoso

O VIAJANTE, O POBRE E O RICO

Um homem estava em viagem; anoiteceu e não havia estalagem no caminho, num raio de várias léguas. Mas o nosso viajante teve sorte de avistar duas casas ao longe, e para elas se dirigiu: era uma choupana, e um palacete, a casa de um pobre e a de um rico.

Lembrou-se o viajante das histórias de seu livro de leitura e disse para os cordões de sua roupa:

— "O rico me recusará, mas o pobre me dará acolhida".

E foi bater na insegura porta da choupana.

Abriam a porta, e uma voz lhe perguntou:

— "Que quer você?"

— "Quero pousada" — respondeu o viajante.

— "Ah! Então voce quer pousada? E pensa que podemos dá-la? Onde é que voce iria dormir aqui? E onde iríamos arranjar comida para dar a voce? Temos a casa cheia de filhos e não podemos dar pousada; vá procurar outro pouso".

Triste por não ter o pobre dado pousada, desmentindo toda a abnegação e generosidade estupenda que os livros de leitura lhe atribuíam, foi o viajante experimentar a hospitalidade do rico.

Bateu, e lhe foram atender; vendo aquela pessoa de aparência modesta na porta de sua casa, alegrou-se o rico e exclamou:

— "Enfim alguém leu o anuncio que publiquei!"

E falou ao viajante:

— "Voce traz recomendações?"

— "Não" — respondeu o outro espantado com a pergunta inesperada.

— "Não faz mal — tornou o rico — você parece boa pessoa, aceite-o para criado".

Tentou o viajante protestar, dizendo:

— "Mas eu só quero pousada".

— "Trabalhando aqui voce também ganha quarto — respondeu o dono da casa — aceita o emprego?"

O viajante, queria recusar. Mas olhou para o céu que escurecia e lembrou-se de que não havia outro teto disponível num raio de várias léguas, e, suspirando respondeu:

— "Aceito".

Até hoje está trabalhando lá.

Acadêmico Jairo Silveira de Matos

buco, viviam a sondar a alma do Imprador para advinhar-lhe os pensamentos; a vitaliciedade do Senado, a centralização monárquica, a má organização do regime eleitoral, tudo isso constituia empecilho para a marcha normal dos negócios da Nação.

Suscitava discórdias políticas que refletia, negativamente, pelo país inteiro.

A Constituição de 91 buscou vida na Constituição liberal-democrata dos E. E. U. U. Adotou-lhes a República, o sistema federativo, o presidencialismo que muito bem se enquadram à mentalidade do nosso povo. Porém, com o correr do tempo verificou-se que não correspondia às nossas necessidades. Assim, em 1926, viu-la alterada, mormente na parte econômica, fugindo um pouco ao "laissez-faire" em que estava estribada.

A Constituição de 934, calcada na célebre Carta Magna de Westminster, e a de 937, onde o chefe da Nação tinha um poder maior do que o que lhe dado pelas de 91 de 34, pouca duração tiveram.

Agora, mais uma vez têm os nossos homens políticos a tarefa honrosa, porém, ingente de elaborar uma nova Carta Constitucional.

Entre nossos constituintes, com exceção dos comunistas, parece haver promissor entendimento. Essa mútua compreensão é de importância transcendental para que a futura Carta Constitucional corresponda às necessidades da Nação; para que dela rescenda o cheiro do nosso solo e do nosso povo; para que nela haja, enfim, não o que há de mais moderno e melhor, mas aquilo que solucione nossos problemas de hoje e de amanhã.

Jean Cristophe: impressões e crítica de um livro

Acadêmico Protásio Leal Filho
(do "Clube de Cooperação Cultural")

São cinco volumes de leitura pesada, a obra máxima do grande Romain Rolland.

O autor, quiz, através do seu livro, retratar a realidade da vida, o que lhe deu caráter pessimista. Conforme já se vê, é um livro de difícil crítica, não só devido a sua diretriz, descrever a vida conforme ela é, mas também devido ao seu tamanho, cerca de mil e seiscentas páginas na tradução brasileira. Poder-se-ia talvez criticar um capítulo, ou quanto muito um volume.

Mas em todo caso, vamos tentar fazer uma visão panorâmica do livro. Este, é a narração da vida do seu protagonista, Jean Cristophe, do nascimento à morte. O 1º volume é o da infância, o 2º, da mocidade, o 3º e o 4º é a luta e adaptação à vida e o 5º é o fim, onde vence, estabiliza e a queda final, a morte.

Na infância, é dominado pela personalidade do avô, o velho Jean Michel. Af o autor tem campo restrito para desenvolver a sua análise da vida. Descreve Jean Christophe, como uma criança inteligente, de grande aptidão para a música, teimosa, feroz e impertinente. Um genio ou um assassino em embrião.

A avô logo morre, e a sua vida de criança incompreendida, cor-de-triste e monótona como o Reno, que fica fronteiro à Casa.

Cresce, tem que ganhar a vida e ajudar a mãe e os irmãos, pois o pai, o que faz é discutir e beber. Mas para um espírito em formação, a presença do pai, é sempre um arrimo. Com a morte deste, Christophe tem a sua primeira grande desilusão. Choca-se com a realidade da vida.

E termina assim o 1º volume: — "Viu que a vida era uma batalha sem tréguas e sem quartel, na qual quem quer ser um homem digno do nome de homem, deve lutar constantemente contra exércitos de inimigos invisíveis: as forças mortíferas da natureza, desejos turvos, ou pensamentos obscuros, que nos arrastam traiçoeiramente ao aviltamento e ao aniquilamento. Viu que estivera a ponto de cair numa armadilha. Viu que a felicidade e o amor eram o engano de um momento para levar o coração ao desânimo e à abdicação. E o pequeno puritano de quinze anos ouviu a voz de seu Deus. Vai, segue sem jamais repousar.

Mas onde irei Senhor? Faça eu o que fizer, onde quer que vá, o fim não é sempre o mesmo, o termo não está ali?

Ide morrer, vós deveis morrer? Ide sofrer, vós que deveis sofrer! Não se vive para ser feliz. Vive-se para cumprir a minha Lei. Sofre. Morre. Sê porém o que deves ser: — Um Homem".

Na juventude, o autor descreve a formação e consolidação do seu caráter; as lutas iniciais, o desenvolvimento do seu gênio musi-

cal e a sua aparição na sociedade. E aí o autor atinge o pináculo da sua obra. Jean Christophe é um moço, tem idéas desarroçadas, fruto do seu desenvolvimento físico e espiritual; luta, sofre, gosa, enfim vive, sempre subindo e sempre sem repousar.

Dentro em pouco o seu caráter livre e lutador colide com a ordem e mediocridade da sociedade alemã. Não concorda com o espírito militarista, e tem de fugir da sua terra natal, a Alemanha, e vai para um campo mais livre, mais vivo, um lugar de espírito latino. A França. Paris. E aí termina o 2º volume.

Em Paris, luta para se adaptar à nova vida, tendo como ideal encontrar uma moça pobre, que sofrera por sua causa, Antoinette. Encontra depois de muito tempo, o irmão desta, que descreve a vida e a morte da irmã. São 200 páginas de leitura e análise, e a moça desaparece quasi que totalmente da sua vida. Há um gasto enorme de energia, se cabe aí usar-se esta frase. O autor analisa pormenorizadamente pessoas amigas e conhecidas, e uma por uma desaparecem na grande massa anônima e revolvente que é a sociedade.

Christophe aproxima-se do irmão de Antoinette, Olivier.

O motivo do 4º volume é a sua nova amizade. A sua forte personalidade fica eclipsada ante a mais profunda e penetrante de Olivier. E a história continua com o casamento deste. Christophe nunca se casa. As mulheres nunca tiveram muito influência sobre a sua vida.

Com o 5º volume, a história volta-se para Jean Christophe que com o seu espírito irrequieto e lutador, mete-se em questões do proletariado, greves socialistas, luta com a Polícia nas barricadas de Paris, fere e foge para a Suíça, onde recebe a notícia da morte de Olivier.

E só no mundo, está, material e moralmente, aniquilado. Começa nova vida, os anos se vão passando. A história avança a passos de gigante... Jean Christophe é um velho e conhecido compositor. Tem trânsito livre em toda a Europa. Tem o auxílio e a amizade de uma condessa que conhecera na mocidade.

Volta a Paris, onde recebe a notícia que a condessa falecera. Nada mais o prende a esta terra. E Jean Christophe morre.

Agora a peroração.

O livro é a descrição de uma vida. O nascimento, a luta e a morte. Talvez não sirva para a mocidade. É mais um livro para os que já construíram a sua vida, passaram a grande fase da formação. Estes podem olhar para trás, rever através das páginas, os tempos passados, ver que também foram "um Jean Christophe".

AS GRANDES IDÉIAS

Existem idéias que nenhuma catástrofe pode atingir. Basta ordinariamente que uma idéia se eleve acima da vaidade, da indiferença e do egoísmo quotidiano para que aquele que a alimenta não se já mais vulnerável.

E é por isso que, apesar de existir felicidade ou infelicidade, o homem mais feliz será sempre aquele no qual a maior idéia vive com maior ardor.

IDÉIA DE CULTURA

Theodore Roosevelt fazia da cultura, uma idéia singular: "Um homem que nunca frequentou uma escola pode, na verdade, roubar qualquer coisa de um vagão; mas quando já passou por uma Universidade, poderá roubar impunemente toda uma estrada de ferro.

* A direção da "Folha" agradece ao "acadêmico desconhecido" que colocou, sob a porta do C. A. XI de Florianópolis, os versos que vão aqui publicados.

* — Este ano o "batismo"
Do calouro é de "matar":
Todos de saia e turbante,
Brinco, colar de barbante,
Pela rua a passear.

* — Escuta aqui ó calouro
Que entraste neste ano;
Já preparaste o dinheiro,
Para pagar o banquete,
Pro colega veterano?

* — Teremos um "schow" maluco,
Uma coisa de abafar:
Uns, ali, tocando flauta,
Outros, a sapatear.
E o veterano, apreciando...
... a beber e a fumar.
E o mais interessante,
Nesta festinha engraçada
É que o pobre do calouro,
Só paga, não come nada.

ESCRITÓRIO DE COORDENAÇÃO INTER-AMERICANO

O Escritório de Coordenação Inter-Americano, por especial gentileza de seu Diretor sr. Eurico Hosterno, vem realizando periodicamente em um dos salões de nossa Faculdade, sessões cinematográficas, onde são projetados filmes os mais atuais sobre a situação mundial, e também de curiosidades.

Assim o Escritório de Coordenação Inter-Americana de Florianópolis colabora com o Diretório do Centro Acadêmico XI de Fevereiro na efetivação dos ideais de cultura da mocidade de Santa Catarina.

Por ARBO

O Estado de Santa Catarina, como sempre, não se fará representar no Campeonato Universitário Brasileiro do corrente ano, em Belo Horizonte.

Não possuímos, dizem os "entendidos", elementos em número suficiente para a formação de uma boa equipe.

É verdade. Sendo poucos os que se dedicam ao estudo superior, torna-se difícil, não quasi impossível, a seleção de bons jogadores.

Porque, entretanto, não contornarmos essa dificuldade, indo buscá-los entre os estudantes do curso secundário?

Não será preferível lançarmos mão desse recurso, a têmos que inserir, como aconteceu em 1945, nas linhas de um conjunto estudantil, verdadeiros profissionais, que na sua maioria, nem mesmo um banco escolar conheceram?

No Colégio Catarinense vamos encontrar, nos "meninos de ouro" bons jogadores de futebol; para o basquete e voleibol temos o Instituto de Educação e o Liceu Industrial, sem falarmos da Academia do Comércio e da Faculdade de Direito, onde acharemos, sem a menor sombra de dúvida, elementos aproveitáveis.

Precisamos, apenas, de uma organização capaz de congregar essas forças dispersas, reuni-las e treiná-las para um determinado fim, eliminando essa tóla rivalidade que existe entre os alunos dos diversos estabelecimentos de ensino e recolhendo a todos sob uma denominação comum: a Federação Atlética Catarinense Estudantil.

Teríamos, assim, além dos resultados no setor esportivo propriamente dito, uma maior aproxima-

ção, um melhor entendimento, uma mais eficiente colaboração entre os nossos estudantes.

Para a realização dessa Utopia, como muitos a irão chamar, mas que eu considero um plano perfeitamente realizável, é imprescindível que os acadêmicos de direito colaborem com os outros seus colegas e reconheçam esta dolorosa verdade: só, jamais conseguirão coisa alguma, não têm a experiência nem os elementos necessários.

E isto porque o "calouro", ao entrar para a Faculdade, em geral, não pratica mais o esporte. Acha-o indigno de um estudante de direito. Durante o Ginásio, está certo, mas na Faculdade — que diabo! — é preciso manter-se a devida aparência. E eis que se processa a transformação: substitue shuteira por um super-sapato com solas de borracha; a camisa esportiva por uma outra de colarinho primorosamente engomado; uma artística gravata, um terno impecável e um cabelo "glostorado" completam o conjunto, o resto é fácil: arranja uma garota, põe, começa a falar "juridicamente difícil" e ei-lo satisfeito: um autêntico e completo acadêmico de direito.

Espelhem-se na antiga FACE.

Depois de realizar com algum êxito o Campeonato de Atletismo Estudantil, entregou-se a inércia e nada mais fez.

Nem o seu próprio material esportivo soube ela conservar.

Os "entendidos" que pensam um pouco sobre o problema, façam, também, alguma coisa para a sua solução e Santa Catarina terá dentro de pouco tempo, uma representação estudantil a altura de suas tradições esportivas.

* — No banquete oferecido, Pelos "bichos" deste ano, Os calouros vão "servir", De avental, de salote, E uma touca de pano.

* A diferença entre o espírito da democracia e o da aristocracia pode ser estabelecido pela comparação da literatura dos dois regimes. O aristocrata envergonha-se de externar as suas paixões, e re-freia o seu pensamento, é clássico. O democrata, é romântico. O primeiro pode escrever o *Espírito das Leis*, mas nunca *Os Miseráveis*.

* A Lua, como a Terra, gira em torno de seu próprio eixo; mas de tal maneira, que conserva sempre a mesma face voltada para nós. Por esta razão nunca vemos o reverso da Lua... Será que ele nos trará alguma solução aos problemas da vida no espaço?

* A Teoria da Relatividade, fundada por Einstein, afirma que não há dimensões absolutas no espaço. As coisas se movem e no seu movimento vão mudando constantemente seu tamanho e sua posição, em relação umas às outras.

* Conta Enrico Ferri, que visitando na sua juventude, a Primeira Exposição Internacional, em Paris, uma das coisas que mais o maravilhou foi um arado exposto em um dos pavilhões.

Fôra trazido pelo general norte-americano Ulisses Grant, e havia sido construído com espadas e fuzis recolhidos na guerra da Secesão.

— "Aquilo — disse ele — pareceu-me o símbolo de uma nova era, em que os instrumentos de destruição seriam transformados em instrumentos de felicidade e paz".

Antes de terminada a guerra, todos alimentavam uma secreta esperança:

— "Quando a guerra acabar, eles tomam estes milhões de aviões, canhões e tanques, e transformam tudo em material agrícola e de uso doméstico. Então sim, haverá de tudo, e com fartura..."

E o tempo passou.

Por entre o explodir dos foguetes, vimos chegar o "Dia da Vitória".

E esperamos que os arados aparecessem em quantidade, e os tratores arrancassem da terra as maravilhas que ela nos oferece.

Mas...

Novamente a ambição humana desencadeou-se sobre o mundo.

E os canhões, já a caminho das fundições, deram meia volta, preservando-se do perigo...

É, não há jeito mesmo.

Ao lado das fábricas de fuzis temos de construir as de arado...

Essa história, de quem espera sempre alcança, é bobagem...

Pois o homem não quer colaborar na realização da consciência universal da fraternidade cristã vizualizada pelo profeta: "... e converterão as suas espadas em enxadões, e as suas lanças em foices; não levantará espada, nação contra nação, nem aprenderão mais a guerrear".

INSTITUTO BRASIL — ESTADOS UNIDOS

O Instituto Brasil — Estados Unidos de Florianópolis, remeteu à Biblioteca do Centro Acadêmico XI de Fevereiro, uma coleção de livros magníficos, sobre assuntos atuais.

A esta Instituição, os agradecimentos dos acadêmicos de Direito.

Curiosidades literárias

— Filis Wheatley, africana, escrava em terras americanas, foi um dos primeiros poetas das Terras do Tio Sam.

— Guilherme Morrell, americano, que produziu o primeiro poema na América, escreveu sua obra em Latim, e não em Inglês. Esta obra chamava-se "Nova Anglia".

— Que diz o leitor destes originais títulos de obras inglesas, escritas seculos atraz:

— "Sete soluções duma aflita alma Pecadora".

— "Mão cheia de madressilvas e diversas seivas canções agora novamente aumentadas".

... E que faria o leitor se tivesse em mão para ler, um livro com este original titulo:

"Ovos da caridade fervidos com Água do Amor e espiritual Pote de mostarda para fazer as Almas espirrar com devoção"...

Auto-crítica inconciente

— Depois de Nietzsche ter sofrido um desequilíbrio cerebral, incapaz de reconhecer suas próprias obras, ao ter em mão sua obra máxima: "Assim falava Zaratrusta" leu-a por alguns minutos e depois criticou-a: — "Não sei quem é o autor deste livro. Mas pelos Deuses, que pensador ele deve ter sido".

"Show" dos Calouros

Vai haver um "show" danado, Uma coisa de abafar: O Sérgio tocando flauta, O Gécio a sapatear, O Reinaldo a fazer mágica, O Raul a esperar, O Romeu a fritar bifes, Para o Caldeira servir... Renato serve as bebidas, Pro veterano... a sorrir. O Alcides e o Nelson Vestidos como havaianas. O Ney a vender pasteis, E o Duarte, bananas... O Abelardo e o Dudica Dançando com mui fervor, No compasso que Altamiro Vai tocando no tambor. E acima de tudo isto, Pra maior complicação, A Laurita no piano, Toca um triste "canto-chão".

EMBAIXADA DA FACULDADE, VISITARÁ A CAPITAL DO PARANÁ NO PRÓXIMO MÊS DE MAIO

A derrocada de um anjo...

"Sic transit gloria mundi".
(Imitação de Cristo).

"Ros sacra miser".
(Sêneca "Epigramas", 4).

Acadêmico José Medeiros Vieira
(do "Clube de Cooperação Cultural")

No refeitório do Convento de Santa Maria-delle-Grazie, em Milão, um pintor principia o debuxo de notável fresco, que, não só pelo inédito da "Trindade-pitoresca", como também pelo sacro do "leit-motiv" e pela integral, peregrina e intrínseca beleza mística do todo, o imortalizará imarcescivelmente.

Pois, "a arte à longa, a vida é breve", mas a glória é eterna!...
Trata-se da representação pictórica da ceia que precedeu à paixão de Jesús.

A capital da Província de Milão, à beira do Olona, como Florença — "a Atenas da Itália" —, Fiésole-berço de Fra Angelico, Nápoles-cêspede Natal de Giordano, "il fa presto" —, como, ainda, muitas outras privilegiadas cidades italianas, é também uma favorita das filhas de Júpiter e Mnemosine...

Sua catedral, estilo gótico-romano, ela só, bastaria como lídimo e inconcusso monumento de arte.

A Biblioteca Ambrosiana — festejado manancial de cultura, e Museu — pleno de preciosidades, templos inúmeros de rara magnificência, palácios igualmente belos e numerosos, pátria de José Ferrari, de César Beccaria, de Alexandre Manzoni, de Pio IV, de Gregório XIV, tudo isso, êsses predicados todos estão a emoldurar-lhe o passado e o presente, e a garantir, no porvir, a posse de um patrimônio histórico e artístico de subido valor...

Precisamente nessa Milão, terra de todas as Musas, benqueridas dos deuses, no muro austero e frio do refeitório de um convento, a mão genial de um pintor realiza um dos maiores acontecimentos artísticos de todos os tempos...

Está sendo levado a efeito o debuxo do notável fresco...
As figuras, paulatinamente, muito paulatinamente até, uma a uma, vão surgindo...

O mais difícil do tentame é o conseguimento de modelos vivos adequados. Mórmente para São João, o discípulo querido do Salvador... Verdadeiro querubim vestido com carnaís roupagens humanas...

Mais que todos, será modelo bem difícil de encontrar-se...
Enfim, apresenta-se um jovem que satisfaz, superando-se, todas as exigências... Angélico de corpo e de alma. Doce, terno, inocente... A pureza personificada... É retratado.

* *

Por um número infindo de vezes a areia já se escoara na ampuheta.

Decorrera considerável espaço de tempo desde a pintura do apóstolo predileto...

Agora é a vez de Judas...
Outro molde raríssimo, difícilimo, embora tão diferente do primeiro como um demônio de um anjo...

Homens medíocres encontram-se com surpreendente frequência...
Os extremos legítimos são tremendamente escassos...

Numa escusa casa de tavolagem, finalmente, enseja-se ao pintor o tão desejado modelo... O próprio Iscariotas, talvez, não fosse tão sórdido, tão repugnante... O vício, a degradação em pessoa...

O tipo cede ao rôgo do pintor e o acompanha ao Convento.
Mas, apenas tem início a cópia, Judas prorrrompe em pranto desesperador, lancinante e copioso...

O artista está profundamente desconsertado e suspende o trabalho. E mesmo, de todo, absolutamente, impossível prosseguir.

O modelo perdera os sentidos.

... Há anos atrás o "Judas" fôra "São João"...
E o pintor chamava-se Leonardo da Vinci.

(de "... no azul da noite", (prefaciado pelo Prof. Odilon Fernandes).

Reflexões Filosóficas

(Roberto Luckstrick)

O conceito de Direito é incompatível com a concepção materialista da origem da sociedade.

Com efeito, se o homem não passa de uma resultante mecanicista — grau elevado da evolução da matéria — também a sociedade tem uma origem material.

Assim sendo, um e outro, isto é, sociedade e homem, continuam forçosamente sujeitos, em todas as suas manifestações, à lei básica da evolução da matéria.

Qual é ela?!

— A seleção do mais forte, isto é, a luta, com eliminação do mais fraco, do inápto.

Ora, se o homem é matéria exclusivamente, e como tal está exclusivamente sob as leis que regem a evolução da matéria, age exclusivamente pela luta, procurando triunfar do meio — o reino mineral, o vegetal e o animal.

Destê modo, a sociedade seria uma resultante da luta e não da cooperação.

Cairíamos no conceito de Hobbes e seríamos obrigados a aceitar o "Leviathan", e, por consequência, negar a Moral, o Direito e a Democracia.

Os fatos não provaram a exatidão do conceito de Hobbes e, consequentemente a Moral, o Direito e a Democracia transcendem do homem e da sociedade.

E a primeira expressão do Direito foi gravada nas táboas da lei, trazidas do Sinai por Moisés.

Nenhuma inteligência humana seria capaz de sintetizar em 10 artigos todo o imortal código de Moral e Direito.

O Decálogo é, por si mesmo, na sua substância e forma, uma prova da revelação divina: tudo que se codificou até hoje em Moral e Direito — com exceção das aberrações totalitárias — cabe em 10 mandamentos, sem um conceito à mais ou a menos. Homem algum seria capaz repito — de fazer a síntese realizada no Decálogo.

CLUBES DE STA. CATARINA

"Publicação do Departamento de
Socialidade da Comissão Social do
C. A. XI de Fevereiro".

Esta reportagem é a primeira de uma série a ser publicada na "Folha Acadêmica", abrangendo o tema — clubes de Santa Catarina.

Ao Lira Tennis Clube, de Florianópolis, coube a primazia do início destas publicações, pelo fato de ser sem favor algum, o clube mais popular, o clube da mocidade, e um dos mais conhecidos em todo o Estado de Santa Catarina.

O artigo 1º do "Estatutos" aprovado pela Federação Atlética Catarinense em sessão de 24 de maio de 1944, diz:

"Art. 1º — O Lira Tennis Clube, que anteriormente — se denominava Lira Tennis Clube Florianópolis, fundado em 7 de outubro de 1926, e organizado em virtude da fusão dos Clubes Lira e Tennis Clube Florianópolis, e que nos presentes estatutos será chamado Lira, etc."

E eis aí um pouco de história oficial acerca do nascimento do Lira Tennis Clube.

Mas, como as sociedades esportivas, recreativas ou culturais, surgem muitas das vezes, de maneira sui-generis, procuramos bisbilhotar, afim de conseguirmos obter uma história — mais real e pitoresca sobre o aparecimento deste Clube.

Entrevistamos o Dr. Osvaldo Bulcão Viana, atual presidente do Lira, que sem querer fantasiar, contou-nos os acontecimentos que relataremos, e que por certo farão muitos papais e talvez avós, lembrarem tempos passados e felizes, em que com alguns mil réis comia-se durante um mês.

Disse-nos o Dr. Bulcão Viana, que as diretorias dos dois clubes existentes então em Florianópolis, o Clube Lira e o Tennis Clube Florianópolis, tendo resolvido dissolvê-los, combinaram realizar um pique-nique com o saldo existente em caixa.

A excursão foi dirigida a Imbituba, onde a caravana ficou hospedada no então, magnífico Hotel de propriedade da organização Lage, tendo durado o prazo de uma semana.

Devido ao êxito alcançado por este passeio, deliberaram os seus componentes criar o Lira Tennis Clube Florianópolis, como resultante da fusão daqueles dois clubes.

Dêste modo, ficou fundado o Lira Tennis Clube Florianópolis, sendo que mais tarde passou a chamar-se apenas, Lira Tennis Clube.

Tendo surgido a 7 de outubro de 1926, caminha para o vigésimo aniversário, e aqui cabe-nos elogiar a maneira pela qual neste curto prazo de tempo, soube exercer grande influência no alevantamento do nível social de Florianópolis, despertando e incentivando esse espírito associativo que traduz-se em cooperação, e que é a base do progresso de todo grupo social.

A Comissão Social do C. A. XI de Fevereiro, órgão representativo do corpo de alunos da Faculdade de Direito de Santa Catarina, pode testemunhar, e com prazer, a boa vontade com que sempre foram acolhidas pela Diretoria do Lira, as solicitações feitas, seja para empréstimo de seus salões para realização de festas ou de suas quadras de esporte para práticas desportivas; e ainda mais, ao solicitarmos a pouco tempo, isenção de joia para ingresso no quadro social, prontamente fomos atendidos, num verdadeiro espírito de boa vontade e compreensão das altas finalidades que a norteiam de fomentar o espírito de ajuda mútua, de solidariedade social.

Continuando-se a lêr o art. 1º do "Estatutos" do Lira, encontra-se:

... "tem por objetivo fundamen-

tal e precipuo a realização de reuniões e diversões de caráter social, cultural, artístico e cívico e, complementarmente, promover entre os associados a cultura física e a prática dos desportos em geral, especialmente o tenis.

Estas são as finalidades de sua existência, as quais têm cumprido em todos os sentidos.

Destaquemos porém, a maneira pela qual, auxiliando as iniciativas da mocidade, possibilitou a formação de grêmios que se utilizam de sua sede para as suas reuniões, festas e práticas desportivas.

No terreno da música, estimulou e contribuiu, em grande parte, para a formação da Orquestra Sinfônica.

Na presidência do Sr. Dr. Armínio Tavares, creou-se a Orquestra Vienense sob a orientação do conhecido violinista Carmelo Prisco, precursora da Orquestra Sinfônica, a qual realizou seus primeiros concertos na sede social.

Cumprindo suas finalidades, auxiliando a mocidade em seus empreendimentos, acolhendo com simpatia artistas nacionais e estrangeiros, estimulando o gosto pela música ligeira ou clássica, contribuindo para o desenvolvimento físico, tornou-se o Lira o clube mais benquisto de Florianópolis, Clube da mocidade por excelência, clube social em primeira linha.

Terminado estas notas, cumprenos destacar o nome daqueles que com sábia visão tem elevado o Lira Tennis Clube cada vez mais alto.

Sr. Vitor Busch, primeiro presidente do Lira.

Sr. Dr. Armínio Tavares, Srs. Drs. Walter Lange e Osvaldo Bulcão Viana, este último ainda na presidência.

A eles e ao Lira Tennis Clube nossos votos de prosperidade.

Tradição: base no engrandecimento da nacionalidade

Acadêmico R. R. da Silva.
(Do "Clube de Cooperação Cultural")

Dos magnos problemas que temos a enfrentar, é o descaso pela tradição um dos mais rígidos, e embora pareça relegado a um segundo plano como fator de grandeza de um povo, é contudo um dos mais difíceis e mais importantes a ser resolvido.

Hoje, em dia, quando se nos anteparam grandes exemplos, Nações que conseguiram sobressair aos olhos admirados do mundo, e cujos fatores se apresentam como meios sólidos, positivos e sobretudo inteligentes, temos a notar um de papel preponderante, e que vem a ser justamente, o culto da tradição.

Os povos que conseguiram este progresso perante os olhos admirados de toda a humanidade, tiveram sem dúvida alguma, como um dos esteios mestres na construção do edifício esplendoroso da consideração internacional, a educação de seu povo, apontando no livro do passado o exemplo edificante de uma odisséia gloriosa.

Muitas vezes a glória na tradição, não é uma realidade palpável, porém inteligentemente faz-se haver sido real, para o estímulo e ensinamento das gerações do presente.

— Contemplemos o templo no qual cultuamos as nossas figuras do passado.

O prédio é grandioso, sua abóboda poderia alcançar os céus, sua torres ferí-lo, porém o interior rico de estátuas, mal cuidado, está enegrecido pelo descuido e pelo descaso.

Por um não sei que de inconsciência, ou por uma incompreensão dolorosa, ao invés de emprestarmos aos antepassados o brilho que realmente merecem, estamos muitas vezes, martelando em pontos desagradáveis, com malícia inexplicável.

É de se notar que a maioria dos livros e ensinamentos, com despreocupação, frizam haverem sido nossos avós, os colonizadores da Terra de Santa Cruz, a baixa ralé, deportados, que indesejáveis em terras Luzitanas, para cá foram atirados.

Não se quer dizer que para cá tivesse vindo a gente mais fina e culta do velho Portugal, porém aproveitando o lado bom, com a claridade que dele se emana, ofuscáramos o lado enegrecido por uma natureza humana e fraca.

Certos corsários que entram na história dos Estados Unidos da América do Norte, hoje são figuras tradicionais, pois que ao redor de sua quase perversidade, criou-se uma auréola de simpatia, adquirida por aventuras interessantes por eles vividas.

Uma das nossas figuras máximas, Pedro I, é sempre olhado com um sorriso a maliciar o rosto.

É que sempre aprendemos a olhar o imperador boêmio e extravagante, envolto em uma cortina de malícia, quando, se tirássemos esta cortina, nos apareceria o jovem decidido, de atitudes enérgicas, e que num rasgo de bravura e temeridade nos deu a Independência da Pátria.

Maria Antonieta, a austriaca admirável, hoje adorada pela França, se vasculharmos seu passado, por ventura não encontraremos momentos menos recomendáveis? No entanto, mesmo não escondendo a parte fútil da vida da grande rainha, fazem deste lado romanesco, comum às mulheres daquele templo, o prólogo festivo de uma vida cheia de grandiosidade no sofrimento de sua desventura.

Quando devíamos ter deixado para traz o lado mais humano de nossos antepassados, cultuando mais fortemente o lado de suas vidas onde os momentos grandiosos e de edificante beleza, serviriam de es-

A Organização da Desordem

Acadêmico Hélio Veiga Magalhães.
(Do "Clube de Cooperação Cultural")

Parece paradoxal afirmar-se que a desordem também se organiza. Mas, se atentarmos bem para o que se passa, na hora presente, em nosso território, não desmentiremos o conceito abordado.

Sim, no Brasil, como em outros países do mundo, a ordem é a desordem. A desordem é como uma ordem. A ordem está ferida pela desordem, porque a desordem ganhou fôro de legalidade. Age em campo livre. E, num galope audaz, vai ganhando terreno, vai conquistando terras nacionais.

Tem o direito de disseminar os desmandos, por toda parte, para o triunfo total do materialismo sobre o espiritualismo.

A lei lhe deu esse direito, o direito de implantar o terror, concedendo o registro do Partido Comunista do Brasil, verdadeiro representante da desordem organizada.

Sabe-se, muito bem, que os próceres do marxismo se utilizam de todos os meios, quer sejam bons, quer sejam maus; quer sejam lícitos, quer sejam ilícitos. Não importa! O principal é realizar o que desejam: a vitória do materialismo histórico; — a derrota da Igreja; o aniquilamento do "Sermão da Montanha"; o desprezo da Cruz; a apostasia do Gólgota.

Eis o que farão com a simples implantação da "foice e o martelo", tripudiando sobre os sagrados princípios de Cristo.

Mas isto não conseguirão totalmente, porque os ensinamentos dos Messias encerram verdades eternas! Não são palavras dos homens! São palavras do Verbo! São palavras de Deus!

Sua doutrina não nasceu da Efemeridade, e, sim, da Eternidade. Domina o Tempo, porque o supera!

Quanto mais amesquinharem a suprema Ordem, tanto mais esta crescerá em esplendor e prestígio!

Quanto mais atacarem a Igreja, tanto mais poderosa surgirá, para glória da Posteridade!

Não adiantam sofismas, porque estes, cedo ou tarde, serão desmascarados à luz da autêntica Ciência e da suprema Verdade!

Já que a lei assegura, à ideologia comunista, pleno direito de expandir-se, por que, então abandonam o que há de nocivo nela? E por que não introduzem o que há de útil e belo na natureza? Infelizmente, isto é difícil. O Comunismo, em essência já é mau, por fundamentar-se em bases materialistas, desprezando o que há de sublime no âmbito do espírito. Destruí-las, equivale a destruir o Comunismo ateu; apoiá-las, é abandonar o maior tesouro que guardamos no recôndito de nossa alma, aquilo que temos de mais nobre e edificante, nesta vida: — a Fé, a Castidade, o amor ao próximo e outros atributos que nos elevam deante do Criador.

Brasileiros de boa vontade! Comunistas de boa fé!

Se existe, ainda, dentro de vós, uma fagulha de patriotismo, abdicai a doutrina que professais! E não deixeis, como nós não deixamos, que elementos anti-nacionais, valendo-se do credo vermelho, assassinem o Brasil!

Vinde! cerrai fileira com aqueles que defendem a força do Direito, abominam a Violência e pregam a Evolução!

Vinde, brasileiros, lutar pelo bem de nossa Pátria, sob a luz do Evangelho!

pelho para nós, vamos ao contrário, abrir o saco de roupas sujas que a lavadeira do tempo já devia ter lavado.

Se fôssemos mais cômicos de nossa responsabilidade, não deixaríamos que os jovens, filhos do presente, viessem a adquirir complexos do passado, que positivamente não devem existir.

São fatos talvez dolorosos, e cuja realidade fere. Porém não vamos fechar os olhos pudicamente, e passar por cima. Olhem para eles de frente, lutemos contra eles, pois a vitória que alcançarmos, será o pedestal sobre o qual ergueremos orgulhosos o magnífico monumento de uma PÁTRIA ainda mais grandiosa.

Folk-lore musical no Brasil

Acadêmico REINALDO M. LACERDA, do "Clube de
Cooperação Cultural"

A música popular brasileira pode ser estudada e observada através de inúmeros prismas diferentes. Fundamentada no canto ritmado negro, a princípio apresentava-se como um aglomerado de notas suavidade quase nula.

Com o tempo, o negro reduzido ao miserável estado de escravo, suas macumbas de lua cheia, os seus cantos já não tinham aquele bater estridente que fazia lembrar a selva natal.

No terreiro da Casa Grande a voz do negro emudeceu; de quando em vez se ouvia da escuridão dos seus casebres esvaia-se como um longo soluço, um canto triste, tão triste como o "banzo" que lhes sertava o coração.

E foi ouvindo estas melodias cantadas ao luar que se inspiraram muitos compositores, e começaram a surgir melodias mais suaves e de maior inspiração.

As valsas "chorosas" destas tão a gosto dos nossos avós, eram típicas da região de colônos portugueses. Canções em que o mar era o assunto predileto, irradiaram-se das praias do litoral; e o luar foi cantado por poetas sertanejos.

O Samba, o verdadeiro continuador da melodia selvagem, desceu do morro, principalmente das favelas cariocas, onde morava no coração de cada negro, que sentia a necessidade de externar a sua alegria de homem livre.

E ele tornou-se o legítimo representante da música popular brasileira entre as similares do mundo.

Hoje em dia, porém, as músicas tradicionais já não têm a vivacidade de outrora, porque ela foi miscigenada com melodias de nacionalidade várias.

A valsa dolente a maioria das vezes, só tem a primazia na discoteca de um "programa da saudade"; a canção sertaneja, o moderado, já fez cair em desuso, e o samba perdeu-se na imensidade de tantos outros, quiçá sem o ritmo que tanto o caracterizava.

Todos os países tem o seu folk-lore, a música que representa o gosto do povo; assim como o tango argentino e o fado português nós também devemos ter a nossa música popular brasileira, aquela música que não precise de "smoking" para escutá-la, porque ela também é despida de todo o luxo.

E o samba, em si, não pode desagradar. Ele traz, no seu bater constante, a lembrança do escravo que dançava medroso à sombra da senzala.

CARTA ABERTA

"Vós que buscais a senda do bem, entrai aqui há mundos luminosos"

"L. Delfino"

AOS VETERANOS

Eis-nos, junto de vós para cultivarmos neste templo do Direito às táboas da lei e da Justiça.

Aqui, viemos na expectativa de conhecer este manancial, prova de fé nesta fonte salutar onde a sociedade sequiosa dos direitos usurpados busca o linitivo para os seus males, quiçá a reivindicação dos seus destinos.

Atentos seguiremos os vossos exemplos no prosseguimento das disciplinas que regem o curso jurídico através das veredas, que nos são traçadas pelos doutos mestres. Esperamos confiantes na Justiça de cuja plenitude é a solidariedade humana.

Não é a nossa intenção criarmos um novo código de moral mas aplicarmos no aperfeiçoamento dos homens, aquilo que tantos anhelam. A verdade e a Justiça, sem a coloração do sentimentalismo que tanto aberra a beleza pulquérrima da verdade, são inalteráveis, possuem a força do RADIUM.

É a Justiça na sua visão panorâmica um firmamento onde resplandecem estes astros luminosos dos "direitos das gentes". É neste éter diáfano onde cintilam as mais aprimoradas culturas jurídicas que cinzelaram o seu caráter no cumprimento do dever e na experiência adquirida na Universidade do Mundo. Ela é antiga como a humanidade cuja forma essencial permanece sempre, uma, inviolável, indivisível.

Sois, uma plêiade venturosa de jovens esperançosos, que sob a vossa guarda repousam os tesouros inalienáveis da Justiça e os destinos do Brasil.

Cultivae com inteligência e galhardia de moços o muito que aprendeis de vossos sábios mestres, fazei das letras jurídicas "o vosso barco e vossa alma" a fim de que não seja menor o vosso mérito, nem menos imitável o vosso exemplo.

Lembra-vos. "As grandes personalidades são inteiriças por conseguinte não sofrem solução de continuidade, sejam concientes..."

Façamos da nossa vontade o escudo para a luta, e do mérito próprio um élo onde só reside o ideal "MACTE ANIMO! Vencer!"

Somos a esperança do porvir, e sereis vós um dia motivo de orgulho para a já vitoriosa FACULDADE DE DIREITO DE SANTA CATARINA na continuidade desta obra de inestimável valor que JOSÉ BOITEUX fundou para elevar a cultura jurídica em Santa Catarina e a glória imperecível do Brasil.

Um calouro

DEPOIS DO DILÚVIO

Dos jornais:

"A situação internacional, acha-se em extrema tensão".

Foi depois do Dilúvio.

Noé, já cansado de lutar com as águas, olhava para os céus, esperando que a ira de Jeová terminasse. E no dia dezessete, do sétimo mês, sentiu que a Arca chocava-se de encontro à terra; aportara sã e salva sobre os montes de Ararat.

Esperou pacientemente mais quarenta dias, ansioso de que as águas baixassem; e ele pudesse desembarcar. E então soltou um corvo, esperando que ele trouxesse um sinal da terra já enxuta.

Mas os cadáveres eram tantos...

...e o urubú ficou vogando sobre os corpos decompostos, no maior banquete que a natureza ofereceu a uma criatura viva.

Vendo que o corvo não voltava, Noé soltou uma pomba. Esta, mais rápida e mais fiel, não querendo pousar sobre cadáveres, logo voltou. Depois de 7 dias, novamente solta, trouxe um ramo de oliveira.

Noé então saiu da barca, e o Arco da Aliança entre Deus e os homens brilhou no espaço, iluminando a terra com a sua luz redentora.

O ano passado, 1945, foi o Ano da Vitória. As forças do eixo, não

resistiram à coligação das nações aliadas, e a bomba atômica foi um "argumento" por demais convincente para ser discutido.

E o barco da humanidade pousou sobre o monte de Ararat. (Conferência da paz — Teatro da Opera-São Francisco, Califórnia).

O corvo já soltaram.

E ele nos trouxe, exeção feita ao seu irmão do outro dilúvio, o cheiro pestilento dos campos de batalha, e os pedaços das fardas dos nossos soldados que morreram no além-mar.

Parece que puzeram a Pomba também em liberdade. E bem próxima se acha ela de retornar.

Queira Deus que não nos traga, no caso de ser um pombo-correio, mais uma declaração de guerra; ou, o que é pior, uma bomba atômica camuflada em suas asas.

E isto nos lembrará que o Dilúvio ainda não acabou inteiramente, e que ainda pode nos atingir.

E, sentados à porta da Arca, buscaremos no céu, inutilmente, às 7 cores da reconciliação.

Só lá longe, no horizonte, um clarão se avista...

...são os fogos da artilharia, que explodindo, expalham a destruição.

Conselheiro X

JILADOS OS EXERCITOS DO TOTALITARISMO, PRECISAMOS DESARMAR O ESPIRITO QUE LEGNOU COM SEU VIRUS NOCIVO TODAS AS NAÇÕES DO GLOBO. ATÉ A ESTAS TERRAS DA AMÉRICA, LIVRES E CORDIAIS, CHEGARAM GERMENS DÊSTE MAL PARA DESENVOLVER-SE COM CARACTERES APARENTEMENTE NACIONAIS, E ATACAR OS FUNDAMENTOS DA NACIONALIDADE.

Franklin D. Roosevelt

No primeiro aniversário da morte do grande presidente da nação amiga "first in war, first in peace and first in the hearths of his countrymen" nós continuaremos a realizar o seu grande sonho: — "Ver restauradas no mundo as forças do Direito da Justiça e da Liberdade".

As comemorações lutuadas e entusiásticas, marcam no dia 12 de abril, o desaparecimento do maior vulto da História norte-americana. Não um vulto do passado, mas que foi do passado é do presente e será do futuro; pois que nomes como o do grande batalhador da causa democrática, não são alcançados pela concepção de tempo e de espaço; eles se elevam e ficam a pairar como eternos exemplos de patriotismo, de humanitarismo e de grandiosidade idealista, no universo das boas causas.

Não foi somente na terra que guarda carinhosa seus restos, que os homens choraram; pelo mundo inteiro, ao ser lembrado o grande nome, o entusiasmo sentimentalista vibrou numa homenagem de sinceridade.

Que os homens que são os guieiros do mundo nesta reconstrução de paz, tenham o idealismo e se espelhem nas qualidades do grande mestre da democracia, e que o sonho que sua admirável alma sonhou: — uma paz segura que dê garantia a todos os povos — seja realizado, afim de que as épocas vindouras sejam as de um mundo compreensível, sem revoltas, todo êle de fraternidade.

A afeição que sentia pela nossa terra êle a demonstrou no discurso que aqui pronunciou, quando da sua viagem para o Brasil, em 1936:

"As seduções da natureza teriam bastado para trazer-me aqui — mas outro é o propósito da minha visita. Não desejaria fazer uma tão longa visita ao estrangeiro, sem trazer meus cumprimentos ao governo do Brasil. — esta Nação irmã, com a qual, por mais de um seculo, temos mantido uma tradição de perfeito entendimento, respeito mútuo e história".

E mais adiante afirmou:

"Todos os elementos para a manutenção da paz devem ser consolidados e reforçados. Não podemos permitir uma agressão, parta donde partir. Os povos de tôdas e cada uma das Repúblicas americanas, — e, também estou certo, do Dominio do Canadá — desejam organizar sua vida, livres do espírito de conquista e do receio de ser conquistado, com liberdade, ao mesmo tempo, para expandir entre si as relações de espirito e de cultura, e para se entender, em conjunto, para o progresso pacifico da civilização moderna.

* Apesar das invenções modernas, as Pirâmides do Egito permanecem como a segunda maravilha do mundo. "O tempo marca tôdas as coisas, mas as pirâmides marcam o tempo", afirma um velho provérbio árabe.

* A primeira organização proibicionista (lei seca) surgiu no Egito há cerca de 5.000 anos.

* Quando da invasão holandesa, registou-se no Brasil um episódio tão grandioso como a Retirada dos dez mil, narrada por Xenofonte. Oito mil brasileiros, homens, mulheres, crianças, capitaneados por Matias de Albuquerque, empreenderam a marcha para o sertões, a fim de não permanecerem sob o jugo inimigo.

* O livro sagrado dos Muçulmanos, o Alcorão, promete ao homem piedoso um harem de setenta e duas belas huris, no paraíso.

Cantigas e rimas

Acadêmico JOSÉ TITO SILVA

(do Clube de Cooperação Cultural)

Em noites negras, cerradas,
Quando é perdido meu norte,
Teus olhos verdes, clorosos,
Iluminam meu caminho...

São como estrêlas divinas,
Qual dois faróis constelares,
Êsses teus olhos verdosos
O sonho dos meus sonhars...

São luzes esmeraldinas
Mensageiras de esperança,
Teus olhos verdes, clorosos
Que moram dentro dos meus!...

Mais tarde, quando eu me fôr
Para longe dêstes céus,
Êsses teus olhos verdosos
Irão no verde dos meus...

Nas minhas preces silentes
Farei mil rógos a Deus,
Pra quando à noite eu fitá-las,
Sejam estrêlas nos céus,
Pra quando à noite eu fitá-las
Sentir a luz palpitante
Dêsses teus olhos formosos
Que trago dentro dos meus...

Finalidades da Campanha Pró-Sede Social

Construção de uma sede social para o Centro Acadêmico XI de Fevereiro da Faculdade de Direito de Santa Catarina, beneficiando toda a classe estudantil de Florianópolis, sede esta dotada de:

- Dormitório modelo destinado a estudantes vindos de outras cidades do Estado de Santa Catarina e de todo o Brasil;
- Salas para assistência médico-dentária aos estudantes de Florianópolis;
- Ginásio-Salão de festas, destinado a práticas esportivas e sociais;

d) — Restaurantes ou Bar para distribuição de refeições a preços módicos, para estudantes;

e) — E outros melhoramentos imprescindíveis.

Estudante! Ajudai na medida de tuas possibilidades a efetivação dêste ideal catarinense.

* Gandhi, considerado pelos seus contemporâneos a maior alma que desceu à terra depois de Buda, era, na sua mocidade um próspero advogado, graduado pela Universidade de Oxford.